

Introdução

Selma Miranda

A Arquitetura Moderna é a expressão visível da unidade entre a arte, a ciência e a indústria. A novidade do movimento moderno residiu no uso dos novos materiais de técnicas de construção tornadas disponíveis pelo desenvolvimento industrial. Em Cataguases, a Arquitetura Moderna exprimiu, também, a fé renovada na razão ao conjugar os verbos "simplificar" e "concentrar". Se o Modernismo é parte e reflexo do avanço científico e tecnológico, da era do ferro, do aço e das telecomunicações, a Arquitetura é a área da produção cultural em que arte e técnica - Modernismo e modernidade - são obrigados a se unir.

Introdução

Casa de Francisco Inácio Peixoto - Projeto Niemeyer

Cataguases teve suas primeiras experiências com a Arquitetura Moderna no início dos anos 40, no mesmo momento em que esta se afirmava no Brasil e definia uma linguagem própria que a destacaria no panorama da produção mundial. O Rio de Janeiro estava ainda às voltas com a construção do edifício do Ministério da Educação, mas o esforço despendido desde os últimos anos da década de 20 havia frutificado através do reconhecimento oficial e da consagração internacional que se consolidava.

Até então a batalha pela renovação arquitetural havia produzido muitos manifestos, experimentos isolados, debates acirrados, reflexões e contatos com as vanguardas européias. A questão figurava já entre as preocupações dos modernistas da primeira hora mas, a concretização de um movimento consistente, levaria ainda algum tempo para se efetivar. Este caminho lento da modernidade arquitetônica, na realidade, se insere em quadro mais complexo que implica diversos fatores relacionados às peculiaridades da produção da obra de arquitetura. Nele se incluem não só o talento criativo mas a participação financeira do cliente, o domínio de nova tecnologia e novos materiais e aparelhamento industrial para viabilizar uma realização em nova escala. Carlos Lemos nos chama a atenção para a diferença existente entre uma pintura, uma escultura ou um edifício: que não pode, como aqueles, ser guardado em ateliê à espera de um possível comprador.

De resto, o ecletismo havia renovado a cidade e a arquitetura do século XIX, seguindo o movimento das capitais européias e conquistando uma sólida posição como linguagem adequada da expressão da época.

Até o final da década de 20, a Escola Nacional de Belas Artes e os arquitetos estão às voltas com o Neocolonial como alternativa à importação de modelos estilísticos do passado.

Enfim, é somente a partir da consolidação do grupo de arquitetos modernos do Rio de Janeiro e do apoio oficial às suas propostas que a "nova arquitetura" define seu caminho. A afirmação e difusão destas propostas virão através das obras realizadas por esses arquitetos na então Capital Federal e em outros Estados que serão chados a trabalhar.

Cataguases e Belo Horizonte participam logo na primeira etapa desse processo. Praticamente ao mesmo tempo em que Kubitschek convida Oscar Niemeyer para projetar o conjunto da Pampulha, Francisco Peixoto encomenda ao arquiteto o projeto de sua residência e, pouco depois, o do Colégio de Cataguases.

No espaço de uma década construiu-se nesta cidade um acervo arquitetônico notável, ampliado na década de 50 por inúmeras outras realizações. Em sua concretização participaram arquitetos de primeira grandeza no quadro da "nova arquitetura", como Aldary Toledo, Carlos Leão, Francisco Bolonha, Flávio de Aquino e Edgar do Valle, além de Niemeyer.

Tudo isso vem na esteira do movimento Verde, que desde os anos 20 havia ligado Cataguases de modo definitivo à trajetória do Modernismo Brasileiro. Esse segundo tempo das experiências modernistas na cidade, entretanto, apresenta uma característica que o distingue da primeira iniciativa e, deriva do processo de afirmação da "arquitetura moderna brasileira": não há produção local no primeiro momento.

Outros pontos de contato entre esse processo e o Modernismo arquitetônico cataguasense podem ser identificados. Entre eles se destacam a presença do mecenoato, o esforço consciente de renovação e a utilização da propaganda e do reconhecimento nacional como meio de afirmação e difusão. Há ainda, um aspecto importantíssimo trazido pela convicção de que a reformulação artística e arquitetônica constituía um poderoso instrumento de transformação da sociedade.

No caso da arquitetura isso está explícito no discurso de Lê Corbuser, o grande mestre da geração modernista brasileira:

"Somos infelizes por habitar casas indignas porque elas arruam a nossa saúde e nossa moral. (...) No entanto, a Arquitetura existe. Coisa admirável, a mais bela. O produto de povos felizes e o que produz povos felizes. As cidades felizes têm Arquitetura."

O arquiteto se dirige aos industriais, engenheiro e intelectuais. Aos artistas pede: "Senhores pintores e escultores, (...) limpem suas casas, unam seus esforços para que se reconstruam as cidades", segundo Lê Corbuser.

A ação de Francisco Peixoto, escritor, industrial, modernista veterano, ao nosso ver, se inscreve nessa linha. Apoiado pelo amigo Marques Rebelo e por diversos fatores circunstanciais, empreende a partir dos anos 40 a imensa tarefa de renovação da cidade.

Os primeiros programas arquitetônicos por ele propostos já nos permitem refletir sobre a natureza de sua motivação e os objetivos de suas iniciativas. A casa representa a mudança na esfera doméstica e a escola remete ao âmbito público, como elemento de formação de uma nova mentalidade. Define-se, portanto, uma estratégia que busca alcançar dois alvos: o pequeno círculo da elite cataguasense e representantes das forças sociais e políticas.

Os demais projetos confirmam essa preocupação: casa de saúde , museu, maternidade, hotel, cinema, fórum, indústria, enfim, conjuntos de habitações para empregados da fábrica. Da mesma forma que Lúcio Costa e Niemeyer sonharam ver o motorista e o Ministro de Estado morando na mesma quadra em Brasília, Peixoto e Rebelo teriam também acalentado o ideal de os milionários e os operários habitarem a mesma arquitetura.

Não se tratava, portanto, da mera reprodução dos modelos vanguardistas em voga nas metrópoles como afirmação da contemporaneidade de um restrito grupo de intelectuais, artistas e burgueses. Havia um propósito transformador que buscava atingir profundamente as estruturas socioculturais e políticas da cidade, como forma de alterar-lhes os rumos e promover o desenvolvimento social através dos benefícios que a "era moderna" poderia trazer.

As circunstâncias favoreceram as iniciativas apesar das dificuldades da tensa situação mundial. Contava-se com um parque industrial em expansão, uma intelectualidade afinada com o modernismo que, embora dispersa, possuía laços estreitos com a cidade, uma burguesia em ascensão suscetível de sensibilizar-se com as propostas modernas e as sólidas bases econômicas e políticas da família Peixoto. Além disso, havia também o interesse dos arquitetos e artistas em divulgar seu trabalho e as repercussões do apoio oficial à nova arquitetura brasileira e de sua projeção no contexto arquitetônico internacional.

A par dessa cadeia de fatores, Francisco Peixoto trabalhou arduamente e empregou todo o seu prestígio pessoal e extraordinária tenacidade nos empreendimentos, tornando-se a "personalidade-chave" do processo.

As realizações arquitetônicas e urbanísticas falam por si e representam momentos extremamente fecundos na experiência brasileira. É nessa intenção aqui repensar esses momentos em uma primeira leitura da produção arquitetônica cataguasense, deixando o caminho aberto a desenvolvimentos posteriores.

A Cidade e a Arquitetura até os Anos 40

Cataguases - Praça da Matriz - Década de 1940

Nascida nas primeiras décadas do século XIX, a partir de uma estratégia de controle fiscal e ocupação territorial, Cataguases apresenta desenvolvimento até os anos 70 daquele século, quando a expansão da lavoura cafeeira e a chegada da ferrovia alteram inteiramente o quadro da vida regional.

A incipiente povoação formada nos primeiros tempos não passa, ainda nessa época, de uma pequena aglomeração urbana com menos de quinhentos habitantes. Duas praças e meia dúzias de ruas formam a então Vila de Santa Rita do Meia-Pataca.

A posição da cidade como ponta de trilhos favorece a expansão agrícola e comercial. Não é difícil imaginar o que significa a estrada de ferro para a vida local: inicia-se o processo de formação da "nova cidade", com grande movimento, gente chegando de todos os lugares, novas informações, novos programas arquitetônicos e também nova linguagem formal.

O trem traz notícias de fora, telhas da França, "lambrequins", artigos de toda espécie, imigrantes, técnicos, autoridade e muita gente comum que vem tentar a vida na cidade promissora. Ao lento ceder das tropas de burros se opõe a prodigiosa velocidade das máquinas a vapor transformando tudo e ligando Cataguases rápida e diretamente à capital do país. No bojo das transformações vem até uma nova língua; as sinhazinhas tornam-se "demoiselles", as casas "chalets" e as lojas "magasins".

A trama urbana sofre um deslocamento imediato, puxada para dentro do vale pela Estação, que torna-se o novo elemento polarizador de todo o movimento. Uma intensa atividade construtiva corresponde à nova realidade socioeconômica. O ecletismo arquitetônico passa a pontuar aqui e ali a paisagem urbana, transformando-a radicalmente. Os "melhoramentos e embelezamentos urbanísticos", tão próprios do período, são prioridade para a administração municipal e para o conjunto dos cidadãos.

Serviços de abastecimento de água, esgoto e calçamento das principais vias são realizados. A iluminação pública, essa maravilha da civilização, foi instalada. A arborização, aspecto essencial nas reformulações urbanas, faz espalhar "óitis e magnólias" pelas ruas principais. A Praça de Santa Rita e o Largo do Comércio, hoje Praça Rui Barbosa, recebem os primeiros jardins da cidade e importantes edifícios públicos e comerciais.

Tudo isso segue de perto o movimento dos grandes centros urbanos, especialmente o Rio de Janeiro. Ali, nos primeiros anos do século atual, rasgava-se a cidade com a Avenida Central. No centro do Estado de Minas Gerais construiu-se a nova capital - uma metrópole com os reflexos do urbanismo "haussmanniano" a erradicar os velhos esquemas do período colonial, um "a época de destruição e reconstrução".

Em Cataguases, na segunda década desse século os principais edifícios públicos estão construídos e multiplicam-se os estabelecimentos comerciais. A atividade fabril amplia-se e aponta um novo caminho que afetará profundamente a vida da cidade.

A vida social tem "lá o seu quê de européia". Um ar cosmopolita. Fala-se francês nas reuniões sociais. Os homens se reúnem no "clubes" e as cascas comerciais oferecem artigos de toda procedência. O bar Luzo-Basileiro é frequentado pelo "escol da sociedade de Cataguases", enquanto as "demoiselles" se reúnem no Café Cascata. No Commercial Club dança-se "a mais fina elite" e nas galerias do gosto todos compartilham o deleite cultural. Já se incrementava também o teatro pelo debate cultural nas reuniões do Grêmio Literário Machado de Assis.

A reformulação arquitetural se espalha principalmente no Largo da Estação e nas praças centrais. Para compreendermos o significado das transformações é importante salientar alguns aspectos básicos ligados à introdução e difusão do ecletismo no Brasil.

As obras públicas ostentam a nova linguagem arquitetônica como o Grupo Escolar Coronel Vieira, inaugurado em 1913 e o Hospital Cataguases, projetado seis anos depois por George Bourgeois. Em algumas construções guardou-se o compromisso com o passado colonial, mesclado a uns poucos elementos ecléticos, como no Ginásio e Escola Normal (1910) e, ainda, no Colégio de Nossa Senhora do Carmo.

Os estabelecimentos comerciais apresentam, também, estilosname variados, ora em partidos mais balcões, ora mais severos, marcados apenas por pilastres, entablamentos, platibandas e vãos em arco pilares, em composição discreta. Destacam-se o Banco de Cataguases; depois Hotel Villas, construído em 1893; o Palacete Passos, antiga sede do Banco do Brasil e a Casa Carcassena, inaugurada em 1917 e demolida há alguns anos. Entre os exemplares remanescentes da arquitetura industrial citamos o estabelecimento do Coronel João Duarte e a Fábrica Irmãos Hipólcito (1905), ambos nas proximidades da Estação.

Na arquitetura residencial aparece desde cedo a moda, inaugurada no Rio de Janeiro pouco tempo antes, dos elegantes chalés soltos em meio aos jardins, incorporando todas as novidades de implantação, organização espacial e detalhes construtivos e ornamentais. A chácara de Dona Catarina é um bom exemplo que, lamentavelmente, perdeu os lambrequins rendilhados que arrematavam os beirais.

Difunde-se muito o tipo de casa urbana com porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachada deslombada em alinhamento arrematada por platibanda. Esse esquema básico despretensa-se em versões modestas ou mais monumentais. Alguns exemplares remanescentes podem ser vistos na Avenida Astolfo Dutra, na casa nº 31 e na Rua Coronel Vieira, nº 35.

Outras obras públicas ostentam a nova linguagem arquitetônica como o Grupo Escolar Coronel Vieira, inaugurado em 1913 e o Hospital Cataguases, projetado seis anos depois por George Bourgeois. Em algumas construções guardou-se o compromisso com o passado colonial, mesclado a uns poucos elementos ecléticos, como no Ginásio e Escola Normal (1910) e, ainda, no Colégio de Nossa Senhora do Carmo.

Os estabelecimentos comerciais apresentam, também, estilosname variados, ora em partidos mais balcões, ora mais severos, marcados apenas por pilastres, entablamentos, platibandas e vãos em arco pilares, em composição discreta. Destacam-se o Banco de Cataguases; depois Hotel Villas, construído em 1893; o Palacete Passos, antiga sede do Banco do Brasil e a Casa Carcassena, inaugurada em 1917 e demolida há alguns anos. Entre os exemplares remanescentes da arquitetura industrial citamos o estabelecimento do Coronel João Duarte e a Fábrica Irmãos Hipólcito (1905), ambos nas proximidades da Estação.

Na arquitetura residencial aparece desde cedo a moda, inaugurada no Rio de Janeiro pouco tempo antes, dos elegantes chalés soltos em meio aos jardins, incorporando todas as novidades de implantação, organização espacial e detalhes construtivos e ornamentais. A chácara de Dona Catarina é um bom exemplo que, lamentavelmente, perdeu os lambrequins rendilhados que arrematavam os beirais.

Difunde-se muito o tipo de casa urbana com porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachada deslombada em alinhamento arrematada por platibanda. Esse esquema básico despretensa-se em versões modestas ou mais monumentais. Alguns exemplares remanescentes podem ser vistos na Avenida Astolfo Dutra, na casa nº 31 e na Rua Coronel Vieira, nº 35.

Nas áreas de maior adensamento no centro da cidade, as casinhas, mais apertadas, possuem apenas um corredor lateral de serviço. Os vãos estreitos e altos rasgam quase toda a fachada, e muitas vezes a platibanda e os esquadros encobrem ainda, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive a antiga implantação sobre o alinhamento e divisas laterais, com as unidades em correntiza, formando fachadas contínuas simplesmente vestidas com ornamentos ecléticos.

No plano do urbanismo, a década de 20 traz a continuidade da ocupação de áreas urbanas em arco pilares, com a expansão lateral, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive o urbano localizado no terraço entre o Pomba e o Meia-Pataca. Intensa-se a atividade construtiva na Avenida Astolfo Dutra, uma espécie de "Avenida Paulista cataguasense", onde os maiores do lugar constroem seus palacetes.

Na arquitetura residencial aparece desde cedo a moda, inaugurada no Rio de Janeiro pouco tempo antes, dos elegantes chalés soltos em meio aos jardins, incorporando todas as novidades de implantação, organização espacial e detalhes construtivos e ornamentais. A chácara de Dona Catarina é um bom exemplo que, lamentavelmente, perdeu os lambrequins rendilhados que arrematavam os beirais.

Difunde-se muito o tipo de casa urbana com porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachada deslombada em alinhamento arrematada por platibanda. Esse esquema básico despretensa-se em versões modestas ou mais monumentais. Alguns exemplares remanescentes podem ser vistos na Avenida Astolfo Dutra, na casa nº 31 e na Rua Coronel Vieira, nº 35.

Nas áreas de maior adensamento no centro da cidade, as casinhas, mais apertadas, possuem apenas um corredor lateral de serviço. Os vãos estreitos e altos rasgam quase toda a fachada, e muitas vezes a platibanda e os esquadros encobrem ainda, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive a antiga implantação sobre o alinhamento e divisas laterais, com as unidades em correntiza, formando fachadas contínuas simplesmente vestidas com ornamentos ecléticos.

No plano do urbanismo, a década de 20 traz a continuidade da ocupação de áreas urbanas em arco pilares, com a expansão lateral, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive o urbano localizado no terraço entre o Pomba e o Meia-Pataca. Intensa-se a atividade construtiva na Avenida Astolfo Dutra, uma espécie de "Avenida Paulista cataguasense", onde os maiores do lugar constroem seus palacetes.

Na arquitetura residencial aparece desde cedo a moda, inaugurada no Rio de Janeiro pouco tempo antes, dos elegantes chalés soltos em meio aos jardins, incorporando todas as novidades de implantação, organização espacial e detalhes construtivos e ornamentais. A chácara de Dona Catarina é um bom exemplo que, lamentavelmente, perdeu os lambrequins rendilhados que arrematavam os beirais.

Difunde-se muito o tipo de casa urbana com porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachada deslombada em alinhamento arrematada por platibanda. Esse esquema básico despretensa-se em versões modestas ou mais monumentais. Alguns exemplares remanescentes podem ser vistos na Avenida Astolfo Dutra, na casa nº 31 e na Rua Coronel Vieira, nº 35.

Nas áreas de maior adensamento no centro da cidade, as casinhas, mais apertadas, possuem apenas um corredor lateral de serviço. Os vãos estreitos e altos rasgam quase toda a fachada, e muitas vezes a platibanda e os esquadros encobrem ainda, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive a antiga implantação sobre o alinhamento e divisas laterais, com as unidades em correntiza, formando fachadas contínuas simplesmente vestidas com ornamentos ecléticos.

No plano do urbanismo, a década de 20 traz a continuidade da ocupação de áreas urbanas em arco pilares, com a expansão lateral, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive o urbano localizado no terraço entre o Pomba e o Meia-Pataca. Intensa-se a atividade construtiva na Avenida Astolfo Dutra, uma espécie de "Avenida Paulista cataguasense", onde os maiores do lugar constroem seus palacetes.

Na arquitetura residencial aparece desde cedo a moda, inaugurada no Rio de Janeiro pouco tempo antes, dos elegantes chalés soltos em meio aos jardins, incorporando todas as novidades de implantação, organização espacial e detalhes construtivos e ornamentais. A chácara de Dona Catarina é um bom exemplo que, lamentavelmente, perdeu os lambrequins rendilhados que arrematavam os beirais.

Difunde-se muito o tipo de casa urbana com porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachada deslombada em alinhamento arrematada por platibanda. Esse esquema básico despretensa-se em versões modestas ou mais monumentais. Alguns exemplares remanescentes podem ser vistos na Avenida Astolfo Dutra, na casa nº 31 e na Rua Coronel Vieira, nº 35.

Nas áreas de maior adensamento no centro da cidade, as casinhas, mais apertadas, possuem apenas um corredor lateral de serviço. Os vãos estreitos e altos rasgam quase toda a fachada, e muitas vezes a platibanda e os esquadros encobrem ainda, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive a antiga implantação sobre o alinhamento e divisas laterais, com as unidades em correntiza, formando fachadas contínuas simplesmente vestidas com ornamentos ecléticos.

No plano do urbanismo, a década de 20 traz a continuidade da ocupação de áreas urbanas em arco pilares, com a expansão lateral, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive o urbano localizado no terraço entre o Pomba e o Meia-Pataca. Intensa-se a atividade construtiva na Avenida Astolfo Dutra, uma espécie de "Avenida Paulista cataguasense", onde os maiores do lugar constroem seus palacetes.

Na arquitetura residencial aparece desde cedo a moda, inaugurada no Rio de Janeiro pouco tempo antes, dos elegantes chalés soltos em meio aos jardins, incorporando todas as novidades de implantação, organização espacial e detalhes construtivos e ornamentais. A chácara de Dona Catarina é um bom exemplo que, lamentavelmente, perdeu os lambrequins rendilhados que arrematavam os beirais.

Difunde-se muito o tipo de casa urbana com porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachada deslombada em alinhamento arrematada por platibanda. Esse esquema básico despretensa-se em versões modestas ou mais monumentais. Alguns exemplares remanescentes podem ser vistos na Avenida Astolfo Dutra, na casa nº 31 e na Rua Coronel Vieira, nº 35.

Nas áreas de maior adensamento no centro da cidade, as casinhas, mais apertadas, possuem apenas um corredor lateral de serviço. Os vãos estreitos e altos rasgam quase toda a fachada, e muitas vezes a platibanda e os esquadros encobrem ainda, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive a antiga implantação sobre o alinhamento e divisas laterais, com as unidades em correntiza, formando fachadas contínuas simplesmente vestidas com ornamentos ecléticos.

No plano do urbanismo, a década de 20 traz a continuidade da ocupação de áreas urbanas em arco pilares, com a expansão lateral, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive o urbano localizado no terraço entre o Pomba e o Meia-Pataca. Intensa-se a atividade construtiva na Avenida Astolfo Dutra, uma espécie de "Avenida Paulista cataguasense", onde os maiores do lugar constroem seus palacetes.

Na arquitetura residencial aparece desde cedo a moda, inaugurada no Rio de Janeiro pouco tempo antes, dos elegantes chalés soltos em meio aos jardins, incorporando todas as novidades de implantação, organização espacial e detalhes construtivos e ornamentais. A chácara de Dona Catarina é um bom exemplo que, lamentavelmente, perdeu os lambrequins rendilhados que arrematavam os beirais.

Difunde-se muito o tipo de casa urbana com porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachada deslombada em alinhamento arrematada por platibanda. Esse esquema básico despretensa-se em versões modestas ou mais monumentais. Alguns exemplares remanescentes podem ser vistos na Avenida Astolfo Dutra, na casa nº 31 e na Rua Coronel Vieira, nº 35.

Nas áreas de maior adensamento no centro da cidade, as casinhas, mais apertadas, possuem apenas um corredor lateral de serviço. Os vãos estreitos e altos rasgam quase toda a fachada, e muitas vezes a platibanda e os esquadros encobrem ainda, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive a antiga implantação sobre o alinhamento e divisas laterais, com as unidades em correntiza, formando fachadas contínuas simplesmente vestidas com ornamentos ecléticos.

No plano do urbanismo, a década de 20 traz a continuidade da ocupação de áreas urbanas em arco pilares, com a expansão lateral, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive o urbano localizado no terraço entre o Pomba e o Meia-Pataca. Intensa-se a atividade construtiva na Avenida Astolfo Dutra, uma espécie de "Avenida Paulista cataguasense", onde os maiores do lugar constroem seus palacetes.

Na arquitetura residencial aparece desde cedo a moda, inaugurada no Rio de Janeiro pouco tempo antes, dos elegantes chalés soltos em meio aos jardins, incorporando todas as novidades de implantação, organização espacial e detalhes construtivos e ornamentais. A chácara de Dona Catarina é um bom exemplo que, lamentavelmente, perdeu os lambrequins rendilhados que arrematavam os beirais.

Difunde-se muito o tipo de casa urbana com porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachada deslombada em alinhamento arrematada por platibanda. Esse esquema básico despretensa-se em versões modestas ou mais monumentais. Alguns exemplares remanescentes podem ser vistos na Avenida Astolfo Dutra, na casa nº 31 e na Rua Coronel Vieira, nº 35.

Nas áreas de maior adensamento no centro da cidade, as casinhas, mais apertadas, possuem apenas um corredor lateral de serviço. Os vãos estreitos e altos rasgam quase toda a fachada, e muitas vezes a platibanda e os esquadros encobrem ainda, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive a antiga implantação sobre o alinhamento e divisas laterais, com as unidades em correntiza, formando fachadas contínuas simplesmente vestidas com ornamentos ecléticos.

No plano do urbanismo, a década de 20 traz a continuidade da ocupação de áreas urbanas em arco pilares, com a expansão lateral, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive o urbano localizado no terraço entre o Pomba e o Meia-Pataca. Intensa-se a atividade construtiva na Avenida Astolfo Dutra, uma espécie de "Avenida Paulista cataguasense", onde os maiores do lugar constroem seus palacetes.

Na arquitetura residencial aparece desde cedo a moda, inaugurada no Rio de Janeiro pouco tempo antes, dos elegantes chalés soltos em meio aos jardins, incorporando todas as novidades de implantação, organização espacial e detalhes construtivos e ornamentais. A chácara de Dona Catarina é um bom exemplo que, lamentavelmente, perdeu os lambrequins rendilhados que arrematavam os beirais.

Difunde-se muito o tipo de casa urbana com porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachada deslombada em alinhamento arrematada por platibanda. Esse esquema básico despretensa-se em versões modestas ou mais monumentais. Alguns exemplares remanescentes podem ser vistos na Avenida Astolfo Dutra, na casa nº 31 e na Rua Coronel Vieira, nº 35.

Nas áreas de maior adensamento no centro da cidade, as casinhas, mais apertadas, possuem apenas um corredor lateral de serviço. Os vãos estreitos e altos rasgam quase toda a fachada, e muitas vezes a platibanda e os esquadros encobrem ainda, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive a antiga implantação sobre o alinhamento e divisas laterais, com as unidades em correntiza, formando fachadas contínuas simplesmente vestidas com ornamentos ecléticos.

No plano do urbanismo, a década de 20 traz a continuidade da ocupação de áreas urbanas em arco pilares, com a expansão lateral, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive o urbano localizado no terraço entre o Pomba e o Meia-Pataca. Intensa-se a atividade construtiva na Avenida Astolfo Dutra, uma espécie de "Avenida Paulista cataguasense", onde os maiores do lugar constroem seus palacetes.

Na arquitetura residencial aparece desde cedo a moda, inaugurada no Rio de Janeiro pouco tempo antes, dos elegantes chalés soltos em meio aos jardins, incorporando todas as novidades de implantação, organização espacial e detalhes construtivos e ornamentais. A chácara de Dona Catarina é um bom exemplo que, lamentavelmente, perdeu os lambrequins rendilhados que arrematavam os beirais.

Difunde-se muito o tipo de casa urbana com porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachada deslombada em alinhamento arrematada por platibanda. Esse esquema básico despretensa-se em versões modestas ou mais monumentais. Alguns exemplares remanescentes podem ser vistos na Avenida Astolfo Dutra, na casa nº 31 e na Rua Coronel Vieira, nº 35.

Nas áreas de maior adensamento no centro da cidade, as casinhas, mais apertadas, possuem apenas um corredor lateral de serviço. Os vãos estreitos e altos rasgam quase toda a fachada, e muitas vezes a platibanda e os esquadros encobrem ainda, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive a antiga implantação sobre o alinhamento e divisas laterais, com as unidades em correntiza, formando fachadas contínuas simplesmente vestidas com ornamentos ecléticos.

No plano do urbanismo, a década de 20 traz a continuidade da ocupação de áreas urbanas em arco pilares, com a expansão lateral, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive o urbano localizado no terraço entre o Pomba e o Meia-Pataca. Intensa-se a atividade construtiva na Avenida Astolfo Dutra, uma espécie de "Avenida Paulista cataguasense", onde os maiores do lugar constroem seus palacetes.

Na arquitetura residencial aparece desde cedo a moda, inaugurada no Rio de Janeiro pouco tempo antes, dos elegantes chalés soltos em meio aos jardins, incorporando todas as novidades de implantação, organização espacial e detalhes construtivos e ornamentais. A chácara de Dona Catarina é um bom exemplo que, lamentavelmente, perdeu os lambrequins rendilhados que arrematavam os beirais.

Difunde-se muito o tipo de casa urbana com porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachada deslombada em alinhamento arrematada por platibanda. Esse esquema básico despretensa-se em versões modestas ou mais monumentais. Alguns exemplares remanescentes podem ser vistos na Avenida Astolfo Dutra, na casa nº 31 e na Rua Coronel Vieira, nº 35.

Nas áreas de maior adensamento no centro da cidade, as casinhas, mais apertadas, possuem apenas um corredor lateral de serviço. Os vãos estreitos e altos rasgam quase toda a fachada, e muitas vezes a platibanda e os esquadros encobrem ainda, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive a antiga implantação sobre o alinhamento e divisas laterais, com as unidades em correntiza, formando fachadas contínuas simplesmente vestidas com ornamentos ecléticos.

No plano do urbanismo, a década de 20 traz a continuidade da ocupação de áreas urbanas em arco pilares, com a expansão lateral, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive o urbano localizado no terraço entre o Pomba e o Meia-Pataca. Intensa-se a atividade construtiva na Avenida Astolfo Dutra, uma espécie de "Avenida Paulista cataguasense", onde os maiores do lugar constroem seus palacetes.

Na arquitetura residencial aparece desde cedo a moda, inaugurada no Rio de Janeiro pouco tempo antes, dos elegantes chalés soltos em meio aos jardins, incorporando todas as novidades de implantação, organização espacial e detalhes construtivos e ornamentais. A chácara de Dona Catarina é um bom exemplo que, lamentavelmente, perdeu os lambrequins rendilhados que arrematavam os beirais.

Difunde-se muito o tipo de casa urbana com porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachada deslombada em alinhamento arrematada por platibanda. Esse esquema básico despretensa-se em versões modestas ou mais monumentais. Alguns exemplares remanescentes podem ser vistos na Avenida Astolfo Dutra, na casa nº 31 e na Rua Coronel Vieira, nº 35.

Nas áreas de maior adensamento no centro da cidade, as casinhas, mais apertadas, possuem apenas um corredor lateral de serviço. Os vãos estreitos e altos rasgam quase toda a fachada, e muitas vezes a platibanda e os esquadros encobrem ainda, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive a antiga implantação sobre o alinhamento e divisas laterais, com as unidades em correntiza, formando fachadas contínuas simplesmente vestidas com ornamentos ecléticos.

No plano do urbanismo, a década de 20 traz a continuidade da ocupação de áreas urbanas em arco pilares, com a expansão lateral, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive o urbano localizado no terraço entre o Pomba e o Meia-Pataca. Intensa-se a atividade construtiva na Avenida Astolfo Dutra, uma espécie de "Avenida Paulista cataguasense", onde os maiores do lugar constroem seus palacetes.

Na arquitetura residencial aparece desde cedo a moda, inaugurada no Rio de Janeiro pouco tempo antes, dos elegantes chalés soltos em meio aos jardins, incorporando todas as novidades de implantação, organização espacial e detalhes construtivos e ornamentais. A chácara de Dona Catarina é um bom exemplo que, lamentavelmente, perdeu os lambrequins rendilhados que arrematavam os beirais.

Difunde-se muito o tipo de casa urbana com porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachada deslombada em alinhamento arrematada por platibanda. Esse esquema básico despretensa-se em versões modestas ou mais monumentais. Alguns exemplares remanescentes podem ser vistos na Avenida Astolfo Dutra, na casa nº 31 e na Rua Coronel Vieira, nº 35.

Nas áreas de maior adensamento no centro da cidade, as casinhas, mais apertadas, possuem apenas um corredor lateral de serviço. Os vãos estreitos e altos rasgam quase toda a fachada, e muitas vezes a platibanda e os esquadros encobrem ainda, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive a antiga implantação sobre o alinhamento e divisas laterais, com as unidades em correntiza, formando fachadas contínuas simplesmente vestidas com ornamentos ecléticos.

No plano do urbanismo, a década de 20 traz a continuidade da ocupação de áreas urbanas em arco pilares, com a expansão lateral, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive o urbano localizado no terraço entre o Pomba e o Meia-Pataca. Intensa-se a atividade construtiva na Avenida Astolfo Dutra, uma espécie de "Avenida Paulista cataguasense", onde os maiores do lugar constroem seus palacetes.

Na arquitetura residencial aparece desde cedo a moda, inaugurada no Rio de Janeiro pouco tempo antes, dos elegantes chalés soltos em meio aos jardins, incorporando todas as novidades de implantação, organização espacial e detalhes construtivos e ornamentais. A chácara de Dona Catarina é um bom exemplo que, lamentavelmente, perdeu os lambrequins rendilhados que arrematavam os beirais.

Difunde-se muito o tipo de casa urbana com porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachada deslombada em alinhamento arrematada por platibanda. Esse esquema básico despretensa-se em versões modestas ou mais monumentais. Alguns exemplares remanescentes podem ser vistos na Avenida Astolfo Dutra, na casa nº 31 e na Rua Coronel Vieira, nº 35.

Nas áreas de maior adensamento no centro da cidade, as casinhas, mais apertadas, possuem apenas um corredor lateral de serviço. Os vãos estreitos e altos rasgam quase toda a fachada, e muitas vezes a platibanda e os esquadros encobrem ainda, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive a antiga implantação sobre o alinhamento e divisas laterais, com as unidades em correntiza, formando fachadas contínuas simplesmente vestidas com ornamentos ecléticos.

No plano do urbanismo, a década de 20 traz a continuidade da ocupação de áreas urbanas em arco pilares, com a expansão lateral, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive o urbano localizado no terraço entre o Pomba e o Meia-Pataca. Intensa-se a atividade construtiva na Avenida Astolfo Dutra, uma espécie de "Avenida Paulista cataguasense", onde os maiores do lugar constroem seus palacetes.

Na arquitetura residencial aparece desde cedo a moda, inaugurada no Rio de Janeiro pouco tempo antes, dos elegantes chalés soltos em meio aos jardins, incorporando todas as novidades de implantação, organização espacial e detalhes construtivos e ornamentais. A chácara de Dona Catarina é um bom exemplo que, lamentavelmente, perdeu os lambrequins rendilhados que arrematavam os beirais.

Difunde-se muito o tipo de casa urbana com porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachada deslombada em alinhamento arrematada por platibanda. Esse esquema básico despretensa-se em versões modestas ou mais monumentais. Alguns exemplares remanescentes podem ser vistos na Avenida Astolfo Dutra, na casa nº 31 e na Rua Coronel Vieira, nº 35.

Nas áreas de maior adensamento no centro da cidade, as casinhas, mais apertadas, possuem apenas um corredor lateral de serviço. Os vãos estreitos e altos rasgam quase toda a fachada, e muitas vezes a platibanda e os esquadros encobrem ainda, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive a antiga implantação sobre o alinhamento e divisas laterais, com as unidades em correntiza, formando fachadas contínuas simplesmente vestidas com ornamentos ecléticos.

No plano do urbanismo, a década de 20 traz a continuidade da ocupação de áreas urbanas em arco pilares, com a expansão lateral, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive o urbano localizado no terraço entre o Pomba e o Meia-Pataca. Intensa-se a atividade construtiva na Avenida Astolfo Dutra, uma espécie de "Avenida Paulista cataguasense", onde os maiores do lugar constroem seus palacetes.

Na arquitetura residencial aparece desde cedo a moda, inaugurada no Rio de Janeiro pouco tempo antes, dos elegantes chalés soltos em meio aos jardins, incorporando todas as novidades de implantação, organização espacial e detalhes construtivos e ornamentais. A chácara de Dona Catarina é um bom exemplo que, lamentavelmente, perdeu os lambrequins rendilhados que arrematavam os beirais.

Difunde-se muito o tipo de casa urbana com porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachada deslombada em alinhamento arrematada por platibanda. Esse esquema básico despretensa-se em versões modestas ou mais monumentais. Alguns exemplares remanescentes podem ser vistos na Avenida Astolfo Dutra, na casa nº 31 e na Rua Coronel Vieira, nº 35.

Nas áreas de maior adensamento no centro da cidade, as casinhas, mais apertadas, possuem apenas um corredor lateral de serviço. Os vãos estreitos e altos rasgam quase toda a fachada, e muitas vezes a platibanda e os esquadros encobrem ainda, o velho telhado colonial. Em várias ruas sobrevive a antiga implantação sobre o alinhamento e divisas laterais,